

## **Michel-Marie Derrion: episódios de um francês e de sua vida atlântica na primeira metade do século XIX**

**Carina Sartori**

La Rochelle Université, La Rochelle, França

Doutoranda em História

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-7524-0514>

E-mail: [carina.sartori@univ-lr.fr](mailto:carina.sartori@univ-lr.fr)

**Resumo:** Michel Derrion atravessou o Atlântico em 1841. Nascido em 1803, filho de um comerciante, ele cresceu em meio às lutas proletárias do bairro da Croix-Rousse à Lyon. Entre os anos de 1831 e 1834, ele frequentou os grupos fourieristas e saint-simonianos que movimentavam a região. Alguns anos mais tarde, em 1841, ele aceitou fazer parte de uma imigração para o Brasil com o intuito de fundar uma comunidade fourierista. A tentativa, que seria implementada nas terras do Sahy, São Francisco do Sul - Santa Catarina, não deu certo. Michel Derrion faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 1850.

**Palavras-chave:** Michel Derrion; Biografia; Socialismo utópico; Itinerário atlântico.

### **Michel-Marie Derrion: episodes of a Frenchman and his Atlantic life in the first half of the 19th century**

**Abstract:** Michel Derrion crossed the Atlantic in 1841. Born in 1803, the son of a merchant, he grew up amid the proletarian struggles of the Croix-Rousse district in Lyon. Between 1831 and 1834, he frequented the Charles Fourier and Saint-Simon groups that moved the region. Some years later, in 1841, he accepted to be part of an immigration to Brazil with the intention of founding a Fourierist community. The attempt, which was to be implemented in the lands of the Sahy, São Francisco do Sul - Santa Catarina, did not work. Michel Derrion died in the city of Rio de Janeiro in 1850.

**Keywords:** Michel Derrion; Biography; Utopian socialism; Atlantic itinerary.

**Texto recebido em: 28/11/2018**

**Texto aprovado em: 22/04/2019**

Existem inúmeras análises sobre como escrever uma biografia. Muitos, também, foram os pesquisadores que se dedicaram a publicar artigos e demais pesquisas acerca da melhor metodologia a ser aplicada no percurso de se narrar a história de uma vida. Na Europa, por exemplo, tem-se Pierre Bourdieu (1986), Jacques Le Goff ([1996] 2013), François Dosse (2009), Giovanni Levi (1989) e, mais recentemente, Sabina Loriga (2010). Já no Brasil: Antônio Candido (2007), João José Reis (2008), Mari del Priore (2009) e Lilia Moritz Schwarcz (2015). Cada um

destes intelectuais, respeitando as suas áreas de atuação, construíram as suas pesquisas biográficas sempre chamando a atenção dos leitores para os (des)caminhos desta prática de escrita. Entre todas estas perspectivas, tais como a ilusão biográfica (BOURDIEU, 1986), a história-problema (LE GOFF, [1996] 2013), os ensaios de uma vida (CANDIDO, 2007) e as escritas subjetivas baseadas na descontinuidade (LAVENIR, 2012), existem outras escritas que concebem a biografia a partir das experiências vividas pelos personagens.

Em 2004, Jean Jabonkla publicou a biografia *Les vérités inavouables de Jean Genet*. Para o historiador francês, uma biografia não precisa seguir o seu biografado desde o nascimento até a morte, quer dizer, em uma ordem cronológica. Jablonka propõe que o pesquisador pode partir de uma questão centrada numa determinada experiência de vida do seu biografado. Assim, para o historiador, a escrita biográfica “devient un exercice transversal, parcourant des milieux, confrontant des époques, transversant des régimes, mêlant des historiographies” (JABLONKA, 2014, p. 421-440). Já Catharine Lavenir, que publicou um artigo a cerca de um estudo de caso em 2012, *La biographie en l’histoire culturelle*, propõe que os estudos acerca da escrita de uma vida devem ser compreendidos como uma combinação de práticas e representações dentro de um determinado grupo social e combinados a uma dimensão cultural da experiência vivida na sociedade: “À la charge de l’historien alors d’élaborer une démarche qui correspondre à ses sources, son objet, le contexte. Dans cette perspective, chaque auteur ou presque construit et justifie une démarche qui lui est propre” (LAVENIR, 2012).

Assim, a partir dos estudos de caso apresentados por estes dois historiadores franceses, Catherine Lavenir e Jean Jabonkla, este artigo tem por objetivo narrar quaisquer fragmentos da trajetória de vida de Michel Derrion na França e no Brasil, entre os idos de 1830 e 1850. Também se optou por não seguir uma linha cronológica de escrita da sua vida. Pois, como propõe o artigo de Lavenir e Jabonkla, as histórias de vida são repletas de silêncios, de esperanças e decepções em consequências das escolhas e dos acasos. O caso de Michel Derrion pode ser considerado um bom exemplo para se conceber uma biografia a partir de fragmentos de uma vida atlântica. Ou seja, a experiência de um homem comum, nascido na França, da primeira metade do século XIX, e que resolveu atravessar o Atlântico para realizar um ideal e sociedade fourierista nas terras do Brasil.

**Um começo à Lyon (1803-1831)**

Era 29 de março de 1803 quando a vida lhe foi dada. Jacques Derrion e Marguerite Merlin moravam na Rua Bât-d'Argent, quartier des Terreaux, conhecido pela importante presença dos negociantes de seda e apenas a alguns minutos da Croix-Rousse. O pai, um “fabricant d'étoffes de soie”<sup>1</sup> e a mãe, “son épouse”, decidiram homenagear o parente militar dando ao primogênito o seu nome, Michel-Marie Derrion. Da sua infância até os seus 28 anos, momento o qual Michel-Marie Derrion se reconhece quanto um “réformiste pratique du commerce et du travail”<sup>2</sup>, não existe quase nenhuma informação. Tudo o que se sabe é que em 1806 a pequena Louise-Françoise, sua única irmã, viria ao mundo e que nos idos de 1830, a família era locatária de dois imóveis<sup>3</sup> na rue de la Vielle-Monnaie, “sur la pente de la colline de la Croix-Rousse” (GAUMONT, 1935, p. 8-9). Se os quase vinte e oito anos de vida de Michel-Marie Derrion são desconhecidos, o detalhe da mudança de endereço e a locação dos dois imóveis deixam transparecer alguns pequenos detalhes da vida da família e da relação destes com o comércio da seda em Lyon.

A *fabrique à métier* de Jacques Derrion, certamente, havia se tornado reconhecida nos idos de 1830. A sua devoção ao tecido, mesmo que tenha lhe custado uma parte de seus anos, permitiu que a sua família gozasse de certo conforto tendo, então, o espaço do trabalho da vida familiar. Jacques havia alugado um apartamento que continha cerca de quatro peças, grandes janelas e estava localizado no primeiro andar do número 12, na rua de la Vielle-Monnaie. Quanto ao seu local de trabalho, ele estava instalado no segundo andar do n. 7, da mesma rua. Se os Derrion se encontravam em tal posição econômica, isso quer dizer que Michel e Louise tiveram, de certo modo, acesso a uma modesta educação. No entanto, isso não garantia aos dois filhos o luxo de se dedicar às artes, as letras e tão pouco, quando adultos, viverem apenas dos proventos dos pais. Muito provavelmente, tanto Michel quanto Louise dividiam o seu cotidiano em dois momentos, ora em família ora na Maison auxiliando Jacques nos afazeres. Neste tempo partilhado pelos filhos, não se pode deixar de suspeitar que Michel, sendo o único herdeiro homem da família, ele seria o mais requisitado pelo pai. Jacques e Marguerite sabiam que, se a morte chegasse a bater em suas portas, o filho devia estar preparado para assumir todas as responsabilidades da *fabrique à métier*.

Vencer no espaço da Fábrica, ou da indústria da seda, na cidade de Lyon, não era nada fácil.

Jacques Derrion era um estrangeiro oriundo de Villar-Benoit e veio para Lyon em busca de trabalho. Começou como operário *aux tissages de soie* ainda jovem. Em 1789, sob a regrada supervisão do M. Jean Prule<sup>4</sup>, ele obteve a autorização para se tornar um *apprenti* no ateliê daquele. Somente no começo do século XIX, já casado com Marguerite<sup>5</sup>, é que Jacques conseguiu abrir o seu próprio negócio. Muito provavelmente, a união com a filha dos Merlin, também negociantes da cidade, é que permitiu ao futuro patriarca dos Derrion de crescer. Assim, se o matrimônio pode lhe aportar um amor e outro destino no meio dos pequenos negociantes da seda, as amizades e as relações estabelecidas durante todo o tempo em que fora desde um simples operário até um aprendiz, também lhe assegurou uma boa rede de contatos. Para comprovar estas tessituras, na certidão de casamento de Jacques e Marguerite, pode-se ler que, dentre as testemunhas presentes, havia cerca de quatro *negotiants*, um *militaire* e o antigo chefe de Jacques.

A ascensão ao posto de negociante no meio da Fábrica era algo que exigia, além de boas relações, conhecimento e agilidade para poder gerir os pedidos. Jogando o papel de intermediário entre os grandes fabricantes, os ateliers e todos os demais trabalhadores, o negociante tinha um trabalho que consistia

entrepose la soie grège achetée en écheveaux aux ‘tireurs’ ou aux ‘dévideurs’, la confie por la préparation ‘d’organsinage’ ou de ‘moulinage’ aux ‘moulineurs’, puis aux teinturiers, puis aux maîtres-tisseurs, qui en font des étoffes et la revend ensuite toute préparée (...) aux magasins des détaillants (GAUMONT, 1935, p.16).

Isso quer dizer que o Jacques transitava entre todos os grupos que compunham a hierarquia da seda e que, sem dúvida alguma, havia aprendido a dialogar com todos.

A fábrica da seda fez com que o fluxo de trabalhadores, oriundos das mais diversas regiões da França, se dirigisse até os arredores da cidade na busca de um emprego. A colina da Croix-Rousse, uma *commune* que só seria anexada a Lyon através do decreto de 1852, havia se tornado o ponto principal de chegada de inúmeros homens, mulheres e crianças. Para poder acompanhar o crescimento promovido pela indústria da seda, naquele começo do século XIX, o poder público se viu obrigado a estabelecer mudanças urbanas para receber os operários e

permitir que o comércio da seda obtivesse uma boa fluidez. Desta maneira, entre as décadas de 1810 e 1830, os terrenos que outrora pertenceram à Igreja e compunham e faziam parte do traçado da Croix-Rousse foram adquiridos pela prefeitura para que prédios, de quatro ou cinco andares, fossem construídos. Os conventos que se localizavam nos arredores também sofreram reformas e, em muitos casos, eles se transformaram em ateliês, estabelecimentos e pequenos apartamentos para acolher os trabalhadores e quaisquer famílias. Novas ruas foram abertas e praças construídas. A região da Place Sathonay, “au bas des pentes et à l’ouest des Capucins” (BARRE, 1993), ao ser construído, foi definido como um espaço em que comércios populares pudessem coexistir com apartamentos residenciais espaçosos. O quartier des Capucins, “situe dans la partie inférieure des Pentes, à proximité du quartier des Terraux et du centre des affaires” (BARRE, 1993) o contrário do Sathonay, era a região onde se encontravam os mais importantes marchants-fabricants. Era, também, naquelas ruas e nos espaçosos apartamentos em que quase todas as negociações da seda, deste o preço da mão-de-obra até à venda, ocorriam. Se o Sathonay e o Capucins eram bairros que praticamente decidiam os caminhos econômicos da seda, a Montée de la Grande Côte era onde se encontrava o trabalho e quase toda a produção.

A Montée de la Grande Côte e as suas pequenas ruelas eram diariamente tomadas por homens e mulheres que se dirigiam todos os dias para os ateliês. Quase sem instrução e com condições de vida precárias, os operários da seda subiam e desciam “les pentes de la Croix-Rousse” com um único objetivo em mente: tecer. Os ateliês, geralmente localizados no primeiro andar dos prédios de cinco andares, encontravam-se instalados ao longo da Montée e nos arredores da colina. Com grandes janelas, para permitir o aproveitamento máximo da luminosidade, o interior destes espaços de trabalho era em peça única e com altura suficiente para acolher três ou quatro *métiers Jacquard*, que mediam cerca de seis metros cada um. Nos ateliês em que a família dividia o espaço com o trabalho, era possível encontrar um mezanino, de três metros, que servia de quarto e era construído fora do alcance das janelas. A cozinha, sempre localizada nos fundos do ateliê, era o único cômodo que possuía um bom isolamento. A seda, um tecido extremamente delicado, podia sofrer alterações se houvesse qualquer contato com os odores e as fumaças. Enquanto os banheiros, instalados nas escadas dos prédios, eram comuns a todos os trabalhadores e moradores. Para completar a estrutura espacial

da seda, nos edifícios em que estavam instalados os ateliês, não era raro encontrar "les traboules" ou as estreitas passagens que permitiam os trabalhadores proteger a seda da umidade e da chuva durante o transporte.

O ritmo era quase sempre o mesmo, o *bistanclac*. As quase 14 horas, em frente ao tear, só eram interrompidas quando a pausa para o almoço era anunciada. No resto do tempo, todos os operários ficavam sob os olhos atentos do *Compagnon* considerado por ser o braço direito do chef d'atelier e ter a obrigação de assegurar a qualidade da produção e a ordem no ateliê. Já o proprietário dos *métiers*, ora chamado de chef ora de *maître tisseur*, cabia o papel de manter os teares funcionando todo o tempo. Quer dizer, ele era o responsável pelas negociações dos fios de seda, dos prazos a serem respeitados e, sobretudo, do valor pago pelas peças. Em alguns casos, quando a Maison era reconhecida, o *chef d'atelier* tinha a autonomia de contratar o seu próprio desenhista que, conhecendo bem a delicadeza da seda, criava motivos para dar toda a originalidade ao trabalho. Toda esta negociação, geradora de desentendimentos no que tange aos valores e prazos, passava pelas mãos dos grandes *marchands-fabricants*, conhecidos por *les soyeux*. Estes últimos, oriundos de famílias abastadas, além de serem os responsáveis pela distribuição dos fios, também eram os que mais empregavam operários e, sem surpresa, os proprietários das grandes lojas de vendas de seda. No entanto, entre o *chef d'atelier* e o grande fabricante havia o *petit marchand-fabricant*, que produzia e vendia por sua própria conta. A sua Maison, geralmente administrada com a ajuda da família, contava com três ou quatro *métiers*, alguns poucos operários e um *Compagnon*.

Em meio a toda esta ordem estabelecida e a tantos personagens que se cruzavam através das linhas tecidas da seda, enquanto alguns poucos davam as ordens, os mais numerosos é que sentiam o soberbo peso da seda em seus ombros. Estes, comumente chamados de *Canuts*, cuja origem do nome desperta inúmeros debates (PIGUET, 2007, p. 15-28), apareciam representados na parte mais baixa da hierarquia social. Portanto, eram estes mesmos que habitavam os pequenos apartamentos nos últimos andares dos prédios onde o primeiro estava destinado aos mais abastados.

Jacques Derrion conheceu todos os degraus de trabalho na Fábrica. Para poder estruturar o seu próprio negócio, ele mesmo teve que aprender a tecer as suas relações pessoais com as econômicas. Ao que tudo indica, no interior da indústria da seda havia uma organização bastante particular que para se obter

permissões para a formação de aprendizes, *maîtres d’ateliers* e, até mesmo, as autorizações de abertura de novos ateliês, tudo devia passar por estratégias de vínculos. Estes últimos podiam ser estabelecidos, em muitos casos, a partir de casamentos, ascendência familiar e, até mesmo, de algumas relações de trabalho. Num meio como este, não se pode deixar de pensar que a concorrência também jogava um papel importante. Era devido à presença desta última que inúmeras estratégias foram criadas, principalmente por alguns dos pequenos comerciantes, para que eles pudessem existir numa estrutura social hierárquica endurecida pelos mais ricos. Já com suas disputas internas, os homens da seda também tinham que aprender a gerir o mercado externo da compra e venda. As questões acerca da taxação da produção e da mão de obra empregada também atuavam na delicada balança econômica da Fábrica. Nos idos de 1830, por exemplo, no momento que a família Derrion mantinha o seu pequeno negócio, a Croix-Rousse e a Fábrica contavam com cerca 16000 homens e mulheres que trabalhavam diariamente dentro e fora dos ateliês. Neste contexto da seda lionesa, mesmo sendo um estrangeiro como tantos outros, Jacques Derrion, havia vencido. O seu tempo de trabalho na Croix-Rousse, seus contatos, bem como, a sua seriedade, respeito e competência, fizeram com que ele tenha conseguido se tornar respeitável. Para provar tanta dedicação, alguns dias após o seu falecimento, o jornal *La Gazette Lyonnais* publicou o seu nome na lista de “*décès des plus notables*” (GAUMONT, 1935, p. 9).

O comércio de Jacques Derrion não fazia parte da lista dos grandes fabricantes ou negociantes. A sua porta de trabalho estava aberta no número 12 da rue de la Ville-Monnaie, primeiro andar até os idos de 1836. Provavelmente instalado num espaço que continha apenas uma divisória, seria toda a dedicação que manteve durante uma boa parte da década de 1830, sobretudo durante as duas Revoltas de Canuts (1831 e 1834), um círculo de encomendas de seda muito bem costurado. De certa maneira, o futuro de Michel-Marie Derrion parecia traçado quanto filho de um negociante reconhecido. No entanto, as ruas inclinadas da Croix-Rousse pareciam desviar os rumos da certeza da vida na *fabrique à métier* de Jacques.

\*

Se nos primeiros anos da década de 1830 a Maison da família Derrion havia recolhido alguns louros pelo bom trabalho desenvolvido com a seda, Michel-Marie Derrion, certamente, já se encontrava trabalhando com seu pai. Com menos de trinta anos e sem ter vivido todas as aprovações profissionais de seu pai, a sua rotina de trabalho e de vida foram, de certa maneira, menos indigestos.

Os dias de Michel Derrion deviam começar quase sempre da mesma maneira. Pela manhã e com o seu pai, ele se dirigia até a Maison que se encontrava instalada a alguns metros da casa onde morava, na rua da Vielle-Monnaie. Neste breve percurso, talvez, o silêncio não tivesse a sua vez. Os homens, agora não mais pai e filho, deviam discutir acerca dos pedidos a serem produzidos e, é claro, partilhar as responsabilidades. Jacques, por ser o mais experiente, devia se encarregar de negociar os pedidos e os valores com os grandes fabricantes para em seguida distribuir as encomendas com os *chefs d'ateliers*. Em todo este processo, que se iniciava com os pedidos e só terminava quando o tecido seria entregue nas lojas, Jacques devia ter o discernimento de saber a qual *maître tisseur* ele podia confiar as solicitações e, em alguns casos, a quais trabalhadores, que atuavam fora dos ateliers, confiar a primeiras tramas dos fios. Michel Derrion por sua vez, devia ficar com a responsabilidade da distribuição dos fios, da correta entrega dos tecidos e, quando Jacques lhe autorizasse, participar de algumas das negociações, bem como, controlar as contas da *Maison*. Nestas atribuições, enquanto o pai era o homem que transitava entre alguns dos mais importantes negociantes da cidade, o filho era quem caminhava pelas ruas escutando os burburinhos acerca das ideias reformistas e mutualistas. Quem sabe, foi em meio a entrega de um pedido que Michel Derrion recebeu, das mãos de algum desconhecido, os panfletos que questionavam a sociedade e incitavam os trabalhadores a comparecer nas reuniões para conhecer as proposições de Saint-Simon e mesmo de Charles Fourier (DESANTI, 1971; PETITFILS, 1977). Talvez, as inúmeras vezes sem nome que questionavam as taxações do trabalho com a seda é que impulsionaram a curiosidade de Michel Derrion. Como filho de um negociante e futuro responsável da Maison, ele deve ter compreendido a necessidade de se informar acerca dos movimentos existentes no meio operário, dos problemas em relação às condições de trabalho e aos valores diversos dos tributos. Mesmo se Jacques mantinha a sua cabeça centrada na entrega regrada dos seus pedidos, devido a sua experiência, quando as ruas da Croix-Rousse começavam a criar suas efervescências, uma



revolta não tardaria a chegar. Naqueles dias, nos idos de 1830, era importante se manter informado.

No final do século XVIII, quase no momento em que Jacques havia chegado em Lyon, a Comune já havia conhecido algumas revoltas. O motivo da ocorrência de tais eventos estava baseado no processo de mecanização dos ateliês, a chegada do *métier Jacquard*, e a discordância dos tributos pagos pelos *les soyeux* aos *maîtres tisseurs* (RUDE, 1982). Na virada do século, mais precisamente nos anos de 1811 e 1826, os *maîtres tisseurs* conseguiram estabelecer com os grandes fabricantes a instalação de uma tarifa mínima pelo trabalho. No entanto, a entrada da década de 1830, se o *métier Jacquard* encontrava-se bem instalado no cotidiano do operariado e a produtividade dos ateliês havia aumentado consideravelmente, a questão econômica e política na França não estava num bom momento (CARPENTIER, LEBRUN, 2000). Os fabricantes decidiram romper com o antigo acordo e incentivar no seio dos *chef's d'atelier* a livre negociação. Quer dizer, uma concorrência injusta havia sido implementada e ela, através do seu novo sistema, permitia “la fixation du salaire est libre, en fonction du marché, afin de respecter le droit de propriété individuelle des entrepreneurs” (FOUR, 2007; VERNUS, s/d.). Numa tal situação, não precisa dizer que uma dinâmica acalorada entre os *maîtres tisseurs* da Croix-Rousse se instaurou. Aliado a isso, pode-se somar ainda o aparecimento do primeiro jornal destinado ao público operário de Lyon – *L'Echo de la Fabrique* - (FROBERT, 2007) e a distribuição dos folhetos que chamavam os interessados para participarem das reuniões que abordavam as ideias de Fourier e Saint-Simon. As ruas da Croix-Rousse eram o espaço onde tudo se escutava e tudo se dizia.

Michel e Jacques Derrion, não eram *Canuts* e tampouco faziam parte dos grandes fabricantes. Ambos mantinham uma função intermediária no comércio da seda. Isso quer dizer que, mesmo se ocorresse qualquer tipo de mobilização por parte dos operários e dos ateliês, o trabalho dos dois era o de garantir a entrega dos pedidos a eles confiados. No entanto, isso não quer dizer que os Derrion fossem contrários as reivindicações dos trabalhadores ou mesmo contrários a ideia de uma concorrência empregada pelos grandes negociantes. A posição de Jacques em meio a estas questões, não se pode saber. Seu filho, em contrapartida, que teve um conhecimento adquirido do seu pai e das experiências diárias com o trabalho sobre as negociações, os valores e a mão-de-obra necessária para produzir o tecido, começa a refletir acerca dos interesses da concorrência. Para sanar suas dúvidas e

angústias, é de se considerar que Michel Derrion tenha recorrido a leituras que estivessem ao alcance de suas mãos, como os jornais e os folhetos. Sobre a circulação de livros e quais os principais temas abordados naquele meio operário da Croix-Rousse, o pouco que sabe vem de algumas breves citações encontradas nas rubricas *Lectures proletaires* contidas nas folhas do *L'Echo de la Fabrique* (MOMBERT, 2007, p. 177-191). Entretanto, um detalhe é certo, é nos idos de 1830 que o seu interesse pelos estudos do comércio e da concorrência começaram a chamar a sua atenção e a discussão sobre a existência de uma tal “*amélioration de l'industrie et du commerce*” (DERRION, 1834).

\*

Os primeiros saint-simonianos chegaram em Lyon nos idos de 1831 (BUFFENOIR, 1909; REGNIER, 2007, p. 327-343) e eles organizavam reuniões semanais na *salle de la Loterie*, praça Saint-Clair (atualmente Praça Louis Chazette), no entorno da Croix-Rousse. Abordando a ideia de uma “*société laborieuse et pacifique*” (BUFFENOIR, 1909), o grupo parisiense divulgava a ideia de que

352

Toutes les institutions sociales doivent tendre à l'amélioration progressive, sous le rapport moral, intellectuelle et physique, de la classe plus pauvre et la plus nombreuse (...) e de cet ensemble, mis en pratique par les hommes, du jour où comme nous ils sauront l'aimer, naîtra une association universelle fondée sur un échange d'amour et de travail<sup>6</sup>.

Michel Derrion, que conhecia um pouco da realidade do comércio da seda, certamente, esteve presente nestas reuniões. Entre uma conferência e outra, as palavras “*association universelle, amour, travail*”, “*amélioration*”, “*libre concurrence*” e “*solidarité sociale*”, despertaram a sua atenção, pois, no ano de 1831, o seu nome já aparece citado nas correspondências dos saint-simonianos parisienses: “*Le petit nombre d'adeptes dont je suis entourné est encore peu capable d'agir. Deux d'entre eux sont pleins de zèle, mais Derrion est encore retenu par sa timidité*”<sup>7</sup>.

Em meio a tantas novidades, os trabalhadores da Croix-Rousse anunciaram uma greve geral. Era o mês de novembro de 1831 e a *Révolte de Canuts* (FROBERT,

2014) eclodiu e o canto “Vivre en travaillant ou mourir en combattant” era escutado em cada rua da comuna.

A insurreição começou no coração da Croix-Rousse e os grevistas, em 19 de novembro, entram em confronto com a *Garde Nationale*. Esta, que eram formadas por um número considerável de *chefs d’ateliers*, se dividia entre a responsabilidade com a ordem e a causa operária. Dois dias se passaram e os insurgentes tomam o centro da cidade de Lyon com a sua bandeira negra. A esta altura, a *Garde Nationale*, que já se encontrava apoiando a causa, e os *Canuts* tomam o poder, destituem o prefeito e decidem organizar um comitê que será responsável por reestabelecer a ordem e tomar as decisões políticas. Ao saber do evento, o rei Louis-Philippe envia uma tropa de quase 20.000 soldados com objetivo de dissipar a insurreição. Resistindo até onde podiam, mas sem experiência política, tão pouco organizacional, os *Canuts* saem derrotados. Um julgamento, dos que haviam se envolvido na revolta, se arrastou até os idos de 1832. Alguns saint-simonianos que participaram da revolta, foram perseguidos (RUDE, 1982). Michel Derrion, mesmo fazendo parte daquele grupo, decidiu manter uma postura pacífica. Foi após o evento ocorrido nas ruas de Lyon e durante as perseguições legais que ele decidiu assumir o seu engajamento escrevendo uma longa carta ao responsável dos saint-simonianos à Paris:

Père, j’aime à répéter souvent que je suis Saint-Simonien et je voudrais pouvoir faire comprendre à tous ce que cette vie qui nous est commune et dont je sens si bien le prix. Mais ma langue ne sait plus obéir à ma volonté et l’expression me manque pour satisfaire ce besoin d’expansion qui me dévore. Mon être comprimé par je ne sais quelles entraves, voudrait s’épanouir et ne le peut. Continuez, je vous prie, d faire arriver jusqu’à moi la parole féconde où je puisse chaque jour de nouvelles forces. Car je ne veux pas être un membre stérile de la famille d’avenir<sup>8</sup>.

Em menos de um ano escutando as conferências, lendo notas de jornais e partilhando algumas horas de estudos, Michel-Marie Derrion se deixou devorar pelo conhecimento fecundo do pensamento de Saint-Simon. Esta devoção, que se utiliza de termos apaixonados, é algo que não está puramente ligada a uma idolatria de sua parte. Talvez, Michel Derrion tivesse uma necessidade de conhecimento e inúmeras dúvidas acerca daquele mundo em que vivia na Croix-Rousse. Quem sabe, devido a sua não possibilidade de poder continuar os seus estudos, tenha deixado uma marca ou uma carência na sua personalidade, aparentemente,

questionadora. Como filho de um pequeno negociante, ele sabia que herdaria a *Maison* e a profissão de seu pai. No entanto, isso não quer dizer que ele não tenha ansiado seguir outros caminhos que lhe permitissem estudar o seu contexto e, até mesmo, a vida. É claro que esta reflexão, acerca de seu desejo de querer ou não seguir os passos de seu pai, não passa de uma hipótese, já que, não existem dados que possam aprofundá-la. Porém, ela deve ser considerada pois, quando se observa o período em que ele esteve engajado com os saint-simonianos, uma evolução em sua escritura e no seu pensamento. Nos primeiros meses, em que estava no grupo, pode-se ver um jovem admirado pelas possibilidades de conceber uma outra sociedade. Já nos anos seguintes, os seus textos passam a ser mais densos e a utilizar o conhecimento prático, aprendido com o seu pai, junto à teoria do comércio industrial advinda das leituras saint-simonianas do jornal *Le Globe*. Se este amor, pelo Père, despertou um lado devoto do homem Michel, em sua família, aquela que lhe deu a vida, como deve ter sido a reação de Jacques ao ver que seu único filho havia se engajado numa causa um tanto abstrata? A resposta a esta questão, talvez, não tenha tanta importância. Entretanto, é quando o seu engajamento se torna público que Michel Derrion deixa a casa dos seus pais e se instala no local de trabalho da família, no número 7 de la Vielle-Monnaie.

Oui, répondrai-je, nous reconnaissons dans Enfantin l'homme supérieur en qui sont les destinées de l'humanité; cet homme sur lequel ceux qui ne le connaissent pas versent à pleines mains la calomnie et l'injure, nous l'appelons 'Père', nous ; car c'est lui qui nous a donné une nouvelle vie (...) a voix nous a montré la route que nous devons suivre, le but que nous devons nous proposer; et maintenant, comme lui, nous voulons dans l'avenir l'émancipation du prolétaire et de la femme<sup>9</sup>.

### **Um recomeço fourierista do outro lado do Atlântico (1841-1850)**

O Velho Mundo havia perdido a preocupação com a condição do homem. A “France était une vieille civilisation”<sup>10</sup>. A Europa não poderia compreender as novas propostas de sociedade voltadas a uma indústria pacífica e societária que seria gestada pelo novo homem científico, ou melhor, o homem industrial. Hierarquia conforme o mérito, condições mínimas de vida, educação para todos, aposentadoria assegurada aos mais velhos e aos enfermos, higiene pública, tudo isso, baseado numa economia associativa. Estas foram as bases da Sociedade fourierista proposta

pelo *Manifeste et Statuts de l'Union Industrielle*<sup>11</sup>, que foi assinado por Michel Derrion, Jamain e Arnaud na cidade de Paris em 1841. Havia chegado a vez do Novo Mundo receber uma sociedade fourierista.

ces fleuves où le poisson abonde, et qui n'attendent que le travail de l'homme pour relier entre elles ces immenses contrées, et en augmenter la fertilité. - Ces chutes d'eau, forces naturelles, qui semblent appeler usines et grands chantiers pour concourir, avec l'homme, à la production des merveilles de l'industrie; Nous aussi, nous allons aborder cette belle et grande nature, et, Dieu aidant, nous contracterons avec elle une alliance autrement féconde<sup>12</sup>.

Para aqueles homens e mulheres, muitos deles discípulos de Charles Fourier, as terras do Brasil representavam uma riqueza que podia ser explorada, sobretudo, o ferro e o carvão. Isso queria dizer que, além de garantir trabalho e melhores condições de vida, centrados nos moldes da sociedade de Charles Fourier, aquelas terras garantiriam o desenvolvimento industrial societário. Assim, com esta ideia, um tanto idílica, a imigração finalmente se realizou. Trabalhadores, operárias e intelectuais que desejassem desenvolver sua profissão e a harmonia de Fourier seriam todos bem-vindos. Naquele Novo Mundo, o Brasil, todos tornar-se-iam *frères*<sup>13</sup> e viveriam a justiça e a liberdade segundo os preceitos do Mestre. No entanto, se o discurso parecia belo e o desejo de constituir uma sociedade fourierista era o princípio básico, a realidade foi bem outra.

O Império do Brasil acolheu, no final do ano de 1841, os quase cem franceses. Um contrato (BOITEUX, 1944) que assegurava uma porção de terras e um financiamento no primeiro ano da Colônia foi assinado em nome de um dos responsáveis do grupo fourierista, o dr. Mure. Nesta assinatura, três problemas causaram a discórdia que levaria os franceses a se dividirem, ainda em Paris. A primeira é em relação ao termo colono. Enquanto o Brasil considerava aqueles estrangeiros como trabalhadores, ou seja, colonos, os franceses se viam como societários de uma Sociedade Industrial. A segunda diz respeito à maneira em que o estatuto daquela nova sociedade foi concebido por Michel Derrion, Jamain e Arnaud. Estes três franceses, ao aprovarem o documento, não inseriram o nome do dr. Mure como responsável (GALLO, 2002). Já a última, mas não menos importante, trata da postura, um pouco displicente, do dr. Mure em negociar a instalação do grupo de franceses nas terras do Brasil. O doutor, que era um encarregado, assinou o contrato com o Império em seu próprio nome, sabendo que o correto era constar a designação *Union Industrielle*.

Os primeiros franceses que aportaram em terras brasileiras, no final do ano de 1841, e eles já se encontravam divididos. Mas, naquelas alturas, eles estavam atracados no porto do Rio de Janeiro, à bordo do *La Caroline*. Eles só podiam continuar a sua jornada. Esperando a liberação por parte das autoridades locais, averiguar se todos estavam sadios e regravar o número de bagagens e de viajantes, os franceses devem ter tido um tempo para observar as diversas *pirogas*, conduzidas pelas gentes de cor, se aproximarem. No convés, enquanto aqueles homens do porto entravam e saíam do barco com suas instruções, é de se imaginar que aqueles estrangeiros se esforçavam para escutar aquela língua de ritmo cantado e carregada de “s, x, ão” buscando uma possível associação com a língua materna. E, também, de se acreditar que eles admirassem, curiosamente, as pirogas e os negros seminus que se equilibravam, utilizando toda a força de seus corpos, para suportar o peso das bagagens e controlar a embarcação. Neste mesmo momento, talvez, alguns deles tenham sentido uma estranha sensação de peso do corpo, a leseira. Era o começo do verão nos trópicos, os dias se tornavam mais longos e as temperaturas e humidade mais elevadas, entre 35°C e 40°C. Nesta estranha mistura de calor, humidade e o ritmo das marés, com os ventos que traziam os fortes odores, não tão agradáveis que emanavam do mar, também se devia somar as pequenas bestas voadoras que zuniam nos ouvidos. Desta espera, no *La Caroline*, onde todas as novas descobertas eram aportadas a cada um daqueles homens, mulheres e crianças, talvez, o silêncio tenha sido o mais intenso das sensações. Aqueles franceses industriais que tinham o desígnio de edificar a Sociedade industrial fourierista, no sul do Brasil, que cantaram e recitaram poemas na partida de Paris, agora, se encontravam em silêncio. Talvez, o medo da realidade daquele novo mundo os tenha atingido. Quem sabe foi apenas o cansaço de quase três meses de viagem ou, ainda, a simples curiosidade de observar aquele burburinho todo que estava diante dos olhos. Entre silêncio, curiosidade e coragem para construir uma nova vida, os franceses ainda precisavam chegar nas terras acordadas pelo Império. Eles deviam seguir rumo a Santa Catarina, vila de São Francisco do Sul, para, finalmente se estabelecerem nas terras do Sahy.

São Francisco do Sul teve a sua origem com a chegada dos bandeirantes portugueses e espanhóis (THIAGO, 1938), em meados do século XVII, quando estes buscavam ouro e escravos índios. Não fugindo à regra do traçado urbano português, a vila foi constituída a partir da praça central que centralizava os poderes. Assim, na parte mais alta, sobre uma pequena colina foi instalada a Igreja

bem de frente para a Baía. As suas portas eram mantidas abertas durante a semana para que o seu rebanho de fiéis se sentisse acolhido e protegido. Já nos domingos, além da missa, o padre dividia o seu tempo para abençoar os homens, os homens de negócios e os bens destes. No entorno da Igreja, ao lado esquerdo, estava instalada a cadeia pública e a câmara municipal; do lado direito, podia-se ver algumas casas que serviam de comércio e para a administração do porto. Naqueles idos dos anos de 1840 o tempo corria um pouco diferente na vila, quando comparado à capital do Império. Era o tilintar do sino da Igreja que contava o tempo e mesmo o trabalho dos habitantes. No quadrilátero central, além dos naturais, podia-se ver alguns escravos - negros e índios - que trabalhavam nos serviços domésticos para as famílias mais abastadas. No entorno do atracadouro, outros cativos conduziam as pequenas *pirogas* que vinham carregadas de farinha de mandioca para serem vendidas no mercado. Os mestres, de origem portuguesa em sua maioria, comandavam todas as negociações. As plantações de mandioca não ficavam próximas da vila, na ilha, elas foram instaladas nas terras do Sahy e no entorno do rio Cubatão. Estas terras eram mais próprias para o cultivo e muito mais vastas. Neste mesmo ano, a câmara municipal havia começado a registrar os primeiros dados acerca dos habitantes da região, ordens da Assembleia provincial, em Desterro. O Império havia alterado alguns decretos depois da publicação da lei de contratação de colonos de outubro de 1837. O objetivo destas alterações era de obter dados mais claros de cada uma das vilas e, depois, publicá-los nos relatórios anuais os dados e a extensão de terras devolutas e sesmarias que ainda existiam no Império. Logo, as Províncias tinham que informar o número de braços existentes - homens, mulheres e crianças -, suas origens, o ofício, a prática religiosa e o nível de educação. A partir destes primeiros relatórios, 1840-1841, os custos com a demarcação destes terrenos, na Província de Santa Catarina, sofrem um considerável aumento<sup>14</sup>. O ato de controlar estes pedaços de terra estava centrado na demarcação de limites entre as Províncias e garantir terras que pudessem ser ocupadas por colonos e novas agriculturas. Na região de São Francisco do Sul, os primeiros dados apontavam uma concentração de famílias na parte central da vila e em seu entorno. Eles estavam organizados em duas confrarias, uma irmandade e formando ao todo 1040 fogos e 6536 habitantes, entre homens livres e escravos. Já do outro lado da Baía da Babitonga, onde se encontrava a península do Sahy, a realidade era um tanto diferente.

A península do Sahy era uma região pouco povoada. Algumas das famílias mais abastadas, proprietárias de plantações medianas nas terras do Sahy, tinham sua residência central, com alguns escravos, na vila. Já as famílias de pequena produção, devido à dificuldade em comprar escravos, trabalhavam e moravam em suas próprias terras que se encontravam na parte mais ao interior da península. Para percorrer as terras do Sahy havia dois caminhos: por barco ou pela picada que cortava quase toda a península. Naquele primeiro trajeto, feitos por canoas, atravessava-se o rio São Francisco e se subia até o canal do Palmital. Este, um braço de mar onde se encontram pequenas ilhas, era conhecido pelos seus vastos manguezais. Os barcos de grande porte não podiam subir estas águas, pois, não havia profundidade e os bancos de areia constantemente se formavam. O segundo caminho, se assim podia ser chamado devido à dificuldade do acesso, é pela estrada do Sahy (atual Estrada Geral do Sahy – SFS 425). Com uma floresta fechada, pequenas cascatas e inúmeras nascentes, o interior da península tinha um clima agradável durante todo verão. Entretanto, o inverno era conhecido pelo excesso de umidade e pelos meses chuvosos que faziam a região próxima aos rios e as nascentes se tornarem alagadiças. Com uma paisagem selvagem, tanto por terra quanto pelas águas, o solo, por sua vez, não eram um dos melhores para o desenvolvimento da agricultura. O terreno, que não é rico em nutrientes devido ao excesso de água, permitia certos cultivos, tais como: a mandioca, a cana-de-açúcar, o arroz, bananas e o palmito. Assim, as poucas famílias que se estabeleceram na região da península, entre as mais conhecidas estavam os Gomes de Oliveira, Cercal e Alves, não tinham muita escolha, senão, cultivar a mandioca e a cana-de-açúcar (CUNHA, 2011, p. 112-136). Foi neste meio, nada urbano e tão pouco revolucionário, se comparado à Lyon, que Michel Derrion e os demais franceses se encontraram no ano de 1842.

\*

Michel-Marie Derrion desembarcou no Sahy em janeiro de 1842. A sua chegada foi um tanto conturbada pois, a divergência ocorrida com o dr. Mure, causou uma ruptura que os dividiu em duas Sociedades: do Sahy e do Palmital. Além da divisão, da falta de estrutura básica, como casa e alimentos, a dura realidade do trabalho cotidiano nas plantações e nas diversas construções de estradas, pontes e moinhos, fizeram com que os franceses se dispersassem ainda



nos primeiros meses de 1842. Enquanto alguns se direcionaram para o Rio de Janeiro, Uruguai e até mesmo aos Estados Unidos (VIDAL, 2014), outros decidiram fixar residência nas terras do Sahy. Entre os que decidiram ficar, estava Michel-Marie Derrion, sua família e o *frère* Jamain. O lionês, sua companheira e dois filhos se instalaram nas terras próximas do rio Palmital, parte norte da península do Sahy. A decepção de ter vivido tantas querelas, mas, sobretudo a de não poder implementar a Sociedade Industrial votada em Paris, não o inibiu. Mesmo se em dezembro de 1843, a Câmara municipal de São Francisco do Sul solicitou a dissolução da Colônia do Sahy. A crença de Michel Derrion no homem industrial fourierista, que contava com o apoio de sua família e de alguns poucos franceses, fez com que escrevesse um novo contrato societário no mês de agosto de 1844. Assim, foi fundada a *Société Industrielle du Sahy*<sup>15</sup>. No entanto, todo o esforço não deu resultados. Michel Derrion, em janeiro de 1846, embarca para o Rio de Janeiro. A Sociedade Industrial jamais foi implementada e a tão sonhada imigração, baseada nos preceitos de Charles Fourier, não saiu do papel.

A segunda metade do século XIX é para o Rio de Janeiro, época de grande prestígio. Sedimentado os problemas políticos e estabilizado o regime monárquico sob a regência de Pedro II a fase de progresso se estampa (...), o centro urbano se desenrolava efervescente atividade comercial, social e política. Trabalhavam na Corte 350 médicos, 300 advogados, 17 companhias de seguro, 23 companhias de navegação. Os negociantes de exportação e importação eram cerca de 800 brasileiros e 1500 estrangeiros (...) e 53 periódicos eram publicados. Na parte comercial da cidade - quadrilátero compreendido entre o Largo do Paço, Largo de São Francisco, Morro do Castelo - se localizavam as principais repartições do governo, lojas de comércio, as editoras e livrarias, os jornais e as igrejas mais frequentados... (CUNHA, 1971)

Assim que chegou no Rio de Janeiro, Michel Derrion se estabeleceu, primeiramente, na Praça do Morro do Castelo e trabalhou como diretor da casa de saúde homeopática (GAUMONT, 1935, p. 127). Esta casa de saúde era dirigida pelo dr. Mure. Pelas ruas do Ouvidor, da São José e da Quitanda, Michel Derrion passou a criar algumas amizades. Em meados de 1846 ele começou a frequentar um pequeno grupo de franceses, professores, que habitavam a rua São José. Logo, eles iniciaram algumas atividades que visavam difundir as ideias de Charles Fourier na capital do Império. Em abril, daquele mesmo ano, Michel Derrion, dr. Mure e sr. Huger comemoraram o aniversário de nascimento de Fourier com um grande banquete regado a discursos, poemas, danças e músicas. Na ocasião, Michel

Derrion se apresentou como diretor da Colônia do Sahy e chegou mesmo a justificar a sua estada na capital dizendo que tinha o objetivo se de inteirar de assuntos administrativos. Em seu discurso, publicado no jornal francês *L'Echo de l'Industrie* pode-se ler:

Après plus de quatre années de débats, de tiraillements et d'anarchie, engendrés par l'esprit de morcellement qui voulait aussi nous envahir; malgré l'insuffisance des moyens promis, mais non pas accordés non ponctuellement ni entièrement, comme on l'a cru peut-être, malgré les désertions avec armes et bagages, et plus que tout cela, malgré les difficultés immenses qu'opposait à des Français de Paris une nature sauvage que, sans expériences il s'agissait de dompter! la colonie sociétaire du Sahy est debout (...) une et indivisible!<sup>16</sup>

Instalado, definitivamente, no Rio de Janeiro, no final do ano de 1846, a família de Michel Derrion sofreu uma grande perda. Um dos filhos do casal faleceu<sup>17</sup>. Quase nada se sabe de sua família e da vida privada que todos levavam. No entanto, mesmo se o ano de 1847 havia começado de maneira triste, o novo círculo francês, constituído a partir dos contatos do dr. Mure, com quem Michel Derrion trabalhava, trouxe à tona os velhos projetos. O grupo divulgava nas páginas do *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro* a venda de pequenas brochuras e de manuais que abordavam o pensamento de Charles Fourier. Numa carta escrita aos *frères* de Paris, em 1847, Michel Derrion desabafa dizendo que “je fais de gros efforts pour les faire pénétrer dans le public, mais cela n'est pas facile”<sup>18</sup>. A vida precisava continuar, mesmo com as dificuldades. Assim, em 1848, além do trabalho de difundir os ideais fourieristas, Michel Derrion se tornou professor de canto na escola do colega francês Huger, também fourierista. No jornal *Le Nouvelliste*<sup>19</sup>, totalmente em francês, ele publicava as notas chamando para as aulas de canto:

Dimanche, 9 janvier 1848, dans la classe du collège français de M. Piel, rue Saint-Joseph n° 47 au 1<sup>er</sup> Ouverture d'un cours de musique vocale. Par M. Derrion. D'après la méthode de M. Wilhem, fondateur de l'Orphéon. Ce cours est destiné aux enfants des deux sexes âgés d'au moins dix ans et sachant lire et écrire. (...) Prix: 1000 reis par mois<sup>20</sup>

A mesma nota foi publicada, em português, entre janeiro e fevereiro de 1848, no jornal *Diário do Rio de Janeiro*<sup>21</sup>. No entanto, havia um adendo para esta versão: “o curso será dirigido em francês e com explicações em português”<sup>22</sup>. Será que Michel Derrion aprendeu a falar português ou, para ministrar os cursos de canto,

havia alguém que o auxiliava na tradução? Certamente que, após quase seis anos vivendo nas terras brasileiras, o Michel Derrion aprendeu quaisquer palavras em português. No entanto, em seu dia-a-dia a língua usual era o francês. Este fato se comprova quando se observa o meio em que Michel Derrion estava inserido e a sua postura na cidade do Rio de Janeiro. Por exemplo, todas as suas cartas foram escritas, seja no Sahy ou na capital, em língua francesa. Também se pode adicionar o fato de que a grande parte de seus amigos, os que temos conhecimento, eram todos de origem francesa e a região em que ele habitou, depois do falecimento do filho, a Rua São José, era um pequeno reduto de imigrantes e comerciantes franceses. Para completar este meio *à la française*, entre os anos de 1849 e 1850, Michel Derrion se associou à *Société française de bienfaisance*<sup>23</sup>. Ou seja, o lionês buscou constituir, por entre as ruas centrais da Corte, um pequeno reduto de franceses. E claro que, naquela primeira metade do século XIX, uma importante parte dos comércios, escolas, livrarias, casas de impressão e jornais (CUNHA, 2011), certamente, conheciam o básico do francês. Como se vê, Michel Derrion não teve quase problemas para se comunicar na língua na qual havia nascido. Trabalho, casa, família e rua, a língua francesa esteve presente. Talvez, Michel Derrion tenha até escrito textos ou cartas em português, mas, até o momento, eles não foram encontrados nos acervos na França e no Brasil.

\*

A vida de Michel Derrion e a de sua família haviam mudado assim que eles chegaram no Rio de Janeiro. Se a presença na capital do Império era apenas por questões administrativas ligadas à Colônia do Sahy, o que era para ser provisório tornou-se definitivo. Michel Derrion morou no Rio de Janeiro, primeiramente no Morro do Castelo e depois na Rua São José, foi professor de canto, correspondia-se com seus *frères* fourieristas da França, recebia livros e publicações fourieristas, e, sempre que podia, divulgava as ideias do Mestre. Naquela cidade, que não lembrava em nada o tempo lento do Sahy, ele teve novas esperanças porque “Heureusement que je ne (...) fatigue pas facilement”<sup>24</sup>. Junto ao pequeno grupo da Rua São José, ele criou projetos, como por exemplo, constituir uma escola societária<sup>25</sup>.

Se as decepções, por conta de seus ideais, não o derrubaram, a epidemia de febre no Rio de Janeiro, naquele ano de 1850, o fez partir. Em 12 de março de

1850, Michel Derrion faleceu. Ele não pode ver a sua companheira e seu filho pois, ambos se encontravam instalados numa casa, no campo, para se recuperarem da mesma doença que abatera o lionês. Foram os amigos Christophe Aluger et Gabriel Timothée Trisse que declararam a sua morte. Ao que sabe, não houve enterro. Sua companheira e filho embarcam para França em outubro de 1850<sup>26</sup>.

\*\*

Michel-Marie Derrion não foi um intelectual tampouco um operário francês da primeira metade do século XIX. Seu destino havia sido traçado quando nasceu. Ele herdaria a Maison de seu pai, na *commune de la Croix-Rousse*, se tornaria um pequeno negociante da seda e se casaria com uma jovem que fizesse parte do seu meio. No entanto, se tudo parecia bem traçado, pelas mãos de sua família, as ruas de Lyon fizeram com que o seu caminho mudasse. As agitações econômicas acerca das taxas na produção da seda, as conferências saint-simonianas, as publicações fourieristas nos jornais e as revoltas operárias lhe infligiram quaisquer questionamentos que o levaram a mudar o seu destino e, até mesmo, a deixar o seu país. Já no Brasil, mesmo conhecendo as privações de uma nova vida, tendo que aprender a compreender as decepções acerca dos conceitos fourieristas de seus compatriotas e *frères*, a lidar com o fracasso da sonhada Colônia Societária e tendo que recomeçar tudo novamente no Rio de Janeiro, nada o fez desistir de seguir os seus ideais. Em todo o seu trajeto Atlântico, mesmo que o silêncio esteja presente numa considerável parte de sua vida, as experiências do homem e do militante Michel Derrion deixam transparecer quaisquer indícios acerca da relação estabelecida com os diversos grupos sociais que viveu. O primeiro detalhe importante diz respeito à maneira como o seu engajamento se desenvolvia conforme ele se relacionava com os movimentos socialistas nas cidades em que se estabeleceu. Em Lyon, ele esteve engajado com os saint-simonianos e, na sua vinda para o Brasil que ocorreu a partir de Paris, ele se encontra com os fourieristas. Já o segundo ponto, um pouco mais delicado, trata da sua interação social com o Brasil e os brasileiros. Michel Derrion viveu no Brasil por oito anos. Ele não deve ter aprendido a escrever em português, em contrapartida, aprendeu a falar quaisquer palavras para poder negociar e trabalhar. Durante o tempo que esteve no Rio de Janeiro, ele criou relações que se centravam num pequeno grupo de pessoas oriundas do seu próprio país. A partir destes dois indícios, a língua portuguesa e o

círculo de amizades, pode-se dizer que o lionês teve uma vida Atlântica porque ele se deslocou da França para o Brasil para realizar o seu ideal. No entanto, no que tange às trocas culturais com os brasileiros e os demais habitantes da região do Sahy, aparentemente, todos estes encontros não pareceram ter despertado a sua curiosidade ao ponto de modificar à sua maneira de pensar e agir. Michel-Marie Derrion, até o final de sua vida, no Rio de Janeiro, parece não tido muito interesse em se adaptar à sociedade brasileira. Ele simplesmente buscou criar o seu próprio mundo, do qual seus compatriotas faziam parte e em que pudesse estabelecer debates e festividades para difundir o pensamento de Charles Fourier. Assim, estudar a história de vida deste homem da primeira metade do século XIX é, além de compreender o deslocamento do movimento socialista fourierista no Atlântico, analisar como os homens se constituíam em meio às adversidades e às novas culturas em que se encontravam (SUBRAHMANYAN, 2013; DAVIS, 2007).

## NOTAS

1. *Acte de naissance de Michel-Marie Derrion*, n° 503. Archives Municipales de Lyon.
2. *Lettre de Michel Derrion à Enfantin*, Lyon, 27 juin 1834. Bibliothèque de l'Arsenal, Paris.
3. *Recensements annuels*, Jardins de Plantes, Capucins – René Leynaud (rue), Lyon, 1831-1832. Archives Municipales de Lyon.
4. *Registres de la grande Fabrique de soie*, Lyon, 1784-1791. Lyon, Archives Municipales de Lyon.
5. *Mariages*, Lyon, Division de l'Ouest, 19 février 1800. Archives Municipales de Lyon.
6. *Séance Saint-simonienne*, Le Précurseur, Lyon, 9 et 10 mai 1831. Bibliothèque Municipale de Lyon.
7. *Lettre de Peiffer à Pereire*, Lyon, 8 novembre 1831. Bibliothèque de l'Arsenal, Paris.
8. *Lettre de Michel Derrion à Enfantin*, Lyon, 19 décembre 1831. Bibliothèque de l'Arsenal, Paris.
9. *Au rédacteur du Précurseur*, lettre de Michel Derrion, Le Précurseur, Lyon, 17 août 1832. Bibliothèque Municipale de Lyon.
10. *Manifeste et statuts de l'Union industrielle*. Paris: Au Siège de la Société, 1841.
11. *Manifeste et statuts de l'Union industrielle*. Paris: Au Siège de la Société, 1841.
12. *Manifeste et statuts de l'Union industrielle*. Paris: Au Siège de la Société, 1841.
13. Segundo a prática Fourierista, todos os integrantes da nova sociedade deviam utilizar o termo *frère*; tal expressão foi a maneira encontrada por Charles Fourier de garantir a igualdade.
14. Estimativas de demarcação de terras, In.: *Falas do presidente da província de Santa Catarina (1840)*, Cidade do Desterro. Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/provincial>>.
15. *Contrat de la Société Industrielle du Sahy fondée par M. Derrion 15 août 1844 et règlement n° 1*. Colônia do Sahy, Fundo Carlos Ficker, Arquivo Histórico de Joinville.
16. *Variétés*. Lyon, L'Écho de l'Industrie. 22 août, n°45, Année 1846. Bibliothèque Municipale de Lyon.
17. Atestado de óbito de Gustav Derrion. Estado Civil, Rio de Janeiro. Livro 7, parte 2. 1846.

18. Lettre de Michel Derrion à Considérant, 21 octobre 1847. Fonds Victor Considérant, Archives Nationales, Paris.
19. *Le Nouvelliste*, Rio de Janeiro: Imprimerie française, 1837-1848, publicado 3 dias da semana. Fundado por Michel Noel Burnier. Extinto em 29 de fevereiro de 1848. Setor Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
20. *Le Nouvelliste*, Rio de Janeiro, 18 décembre 1848. Setor Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
21. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Typografia do Diário, [1821-1878]. Publicação diária. Mudança de Typografia para a Régia Imprensa Nacional. Setor Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
22. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1848. Setor Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
23. *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro para o ano de 1847*. Rio de Janeiro: Acervo Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1850.
24. *Lettre de Michel Derrion à Considérant*, 21 octobre 1847. Fonds Victor Considérant, Archives Nationales, Paris.
25. *Banquet Rio-Janeiro (Brésil)*, La Démocratie Pacifique, Paris, 24 mai 1846. Bibliothèque Municipale de Lyon.
26. *Diário de Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 23 outubro de 1850. Setor Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, v. 62-63, juin 1986.
- BARRE, Josette. *La colline de la Croix-Rousse: histoire et géographie urbaines*. Lyon: Lyonnaises d'Art et Histoire, 1993.
- BOITEUX, Henrique. O Falanstério do Sahy. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, Florianópolis, 1. sem. 1944.
- BUFFENOIR, Maximilien. Les saint-simoniens à Lyon. *Revue Politique Littéraire* (Revue bleue), n. 18, 2. sem. 1909.
- CANDIDO, Antônio. *Um funcionário da monarquia: ensaio sobre o segundo escalão*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, [2002] 2007.
- CARPENTIER, Jean., LEBRUN, François (Dir.). *Histoire de France*. Paris: Seuil, 2000.
- CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. *Álbum cartográfico (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de Publicações e Divulgação, 1971.
- CUNHA, Rogério Pereira da. *Juízes, policiais e administradores: elites locais, juiz municipal e centralização provincial na formação do Estado no Brasil – São Francisco do Sul, província de Santa Catarina (1832-1850)*. Curitiba, 2011. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Léon l'Africain*. Trad. Dominique Peters. Paris: Payot & Rivages, 2007.

DEL PRIORE, Mary. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. *Topoi*, v. 10, n. 19, jul-dez. 2009.

DERRION, Michel. *Constitution de l'industrie et organisation pacifique du commerce et du travail, ou tentative d'un fabricant de Lyon*. Lyon: Chez Mme Durval Librairie, 1834.

DESANTI, Dominique. *Les socialistes de l'utopie*. Paris: Petit Bibliothèque Payot, 1971.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009.

FOUR, Pierre-Alain. Lyon et la soie: la naissance d'une conscience de classe. *Millénaire 3*, Lyon, 1<sup>ère</sup> oct. 2007. Disponível em: <<https://www.soierie-vivante.asso.fr/PDF/revoltesmillenaire3.pdf>>. Acesso: mar. 2017.

FROBERT, Ludovic (Dir.). *L'écho de la fabrique: naissance de la presse ouvrière à Lyon*. ENS Editions; Institut d'Histoire du Livre, 2007.

\_\_\_\_\_. *Les canuts, ou la démocratie turbulente*. Lyon 1831-1834. Paris: Tallandier, 2009.

\_\_\_\_\_. Vivre en travaillant ou mourir en combattant – les révoltes des canuts (1831, 1834). In.: *Histoire des mouvements sociaux en France, de 1814 à nos jours*. Paris: La Découverte, 2014.

GALLO, Ivone Cecília D. *A aurora do socialismo: Fourierismo e o Falanstério do Saí (1839-1850)*. Campinas, 2002. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas.

GAUMONT, Jean. *Le commerce Vérdique et Social (1835-1838) et son fondateur Michel Marie Derrion*. Aminiens: Imprimerie Nouvelle, 1935.

JABLONKA, Ivan. *Les vérités inavouables de Jean Genet*. Paris: Éditions du Seuil, 2014.

LAVENIR, Catherine Bertho. La biographie en histoire culturelle. In.: *Globe: Revue Internationale d'Études Québécoises*, v. 15, n. 1-2, p. 183-199, 2012. Disponível em: <<http://id.erudit.org/iderudit/1014631ar>>. Acesso em: 1<sup>o</sup> jun. 2014.

LE GOFF, Jacques. *Saint Louis*. Paris: Gallimard, [1996] 2013.

LEVI, Giovanni. Les usages de la biographie. *Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*. 44<sup>e</sup> année, n. 6, 1989.

LORIGA, Sabina. *Le petit x : de la biographie à l'histoire*. Paris: Seuil, 2010.

MOMBERT, Sarah. La muse de la Fabrique: Les rubriques littéraires de l'Echo de la fabrique. In.: FROBERT, Ludovic (Dir.). *L'Écho de la Fabrique: naissance de la presse ouvrière à Lyon*. ENS Editions; Institut d'Histoire du Livre, 2007, p. 177-191.

PETITFILS, Jean-Christian. *Les socialistes utopiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1977.

PIGUET, Marie-France. Désignation et reconnaissance: le concours pour chercher un terme appellatif qui remplace celui de canut dans l'Echo de la fabrique. In.: FROBERT, Ludovic (Dir.). *L'Écho de la Fabrique: naissance de la presse ouvrière à Lyon*. ENS Editions; Institut d'Histoire du Livre, 2007.

REGNIER, Philippe. Les saint-simoniens à l'épreuve des événements de Lyon: un approche communicationnelle. In: FROBERT, Ludovic (Dir.). *L'Écho de la Fabrique: naissance de la presse ouvrière à Lyon*. ENS Editions; Institut d'Histoire du Livre, 2007, p. 327-343.

REIS, João José. *Domingos Sodré um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2008.

RUDE, Fernand. *Les révoltes des canuts, 1831-1834*. Paris: Maspero, 1982.

SCHWARCZ, Lilian M., SATRALING, Heloísa. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SUBRAHMANYAN, Sanjay. *Commente être un étranger de Goa-Ispahan-Venise, XVIème-XVIIIème*. Paris: Alma, 2013.

\_\_\_\_\_. *Vasco da Gama, légende et tribulations du vice-roi des Indes*. Trad. Myrian Dennehy. Paris: Alma, 2012.

THIAGO, Arnaldo S. *São Francisco do Sul: breve notícia histórico-descritiva do município*. [S.l.: s.n.], 1938.

VERNUS, Pierre. Relations contractuelles, tarifs et usages dans la fabrique lyonnaise de soierie au XIXème siècle. *Laboratoire de Recherche Historique Rhône-Alpes – UMR 5190*. Lyon: Université de Lyon. Disponível em: <[http://www.static.lyon.fr/vdl/contenu/arrondissements/1ardt/Histoire%20de%20la%20fabrique%20\(3\).pdf](http://www.static.lyon.fr/vdl/contenu/arrondissements/1ardt/Histoire%20de%20la%20fabrique%20(3).pdf)>. Acesso em: 1º jul. 2018.

VIDAL, Laurent. *Ils ont rêvé d'un autre monde*. Paris: Flammarion, 2014.

**Caria Sartori** é Doutoranda em História, cotutela internacional entre La Rochelle Univeristé (em Paris, França) e a Universidade Estadual Paulista (UNESP), câmpus de Assis, São Paulo, Brasil. Mestra em História e Especialista em Relations Internationales et Histoire du Monde Atlantique pela La Rochelle Université. Mestra e Bacharela em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

**Como citar:**

SARTORI, Carina. Michel-Marie Derrion: episódios de um francês e de sua vida atlântica na primeira metade do século XIX. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 15, n. 1, p. 343-366, jan./jun. 2019. Disponível em: <[pem.assis.unesp.br](http://pem.assis.unesp.br)>.